

## ATHOS BULCÃO E O CULTO DA SENSIBILIDADE (II)

Rio de Janeiro - 1946

Texto: Santa Rosa - A Manhã - 01/12/46

Se esta nota tivesse de ser escrita sobre as linhas da amizade as suas palavras de nada poderiam servir ao pintor Athos Bulcão, a quem pessoalmente muito estimo. A sua exposição, porém, merece a pausa meditada de uma análise, de tal modo a opinião do meio artístico anda turva numa mistura de preconceitos afetivos e sofismas estéticos.

É tarefa fortuita definir a obra de arte. Porém, para aqueles cuja vida somente é possível ao seu contato, ou que perseguidos por seus cruciantes problemas procuram resolvê-los numa luta cotidiana, há certos princípios que auxiliam essa definição e, assim, podem chegar a certas conclusões objetivas. Eis o que apoia a crítica, dispensado-a de larga adjetivação e muito menos da influência amistosa.

Uma obra de arte deve ser observada desprendida dos laços que a ligam ao seu autor.

Para o exercício crítico essa mostra de Athos Bulcão apresenta um problema preliminar. Trata-se de obras realizadas ou estudos?

A aparência geral da parte de pintura é a de uma série de esboços. Na sua totalidade são como fases iniciais de quadros, ligeiramente concebidos e anotados.

Neles a dualidade de consecução (formal-abstrata) se choca numa luta entre planos e objetos.

Enquanto a superfície é considerada simplesmente em duas dimensões, os objetos, de sombra projetada, esboçam uma idéia de forma realística, com luz, sombra e reflexo. Ao mesmo tempo os objetos são tratados com uma matéria espessa, o que os faz isolarem-se numa vestidão de espaço plano.

Gravitando em torno dos problemas do binômio Matisse-Bonnard, não são os mesmos resolvidos ou no esplendor decorativo de um ou na atmosfera intimista do outro.

Enquanto que para Matisse a superfície é totalmente concebida no sentido bi-dimensional (note-se que a solução de sua forma é puramente simbólica, fixando-se como preciosos arabescos) para Bonnard, flutuando do ainda nas brumas do Impressionismo, o espaço é profundo e as formas nascem da sábia aplicação de valores e das tonalidades quentes e frias.

Em Athos Bulcão o problema do espaço é ainda demasiado elementar. E basta observarmos os tons de sua palheta para constatar a insuficiência de sua visão, que não estabelece uma unidade tonal de superfície. As suas cores por vezes brilhantes e bonitas não se harmonizam, não resolvem o problema criado, e, do fundo, saltam ao primeiro plano ou não se afirmam como em muitos casos apostas que estão frias contra frio.

A forma, também, é pobre. Forma em particular como representação do objeto. Forma, em geral, como resultado do quadro.

A expressão plástica é uma definição do conceito individual da forma. Estas, sofrem, na pintura de Athos Bulcão, uma simplificação duvidosa, pois, oscilam entre dois pontos de vista. Não são simplificadas até o símbolo (Matisse) nem tampouco, tratadas sob a ação luminosa do ambiente (Bonnard). E no entanto, são expressas, como nos vasos, através de uma matéria mais gorda, o que desorienta quanto à sua concepção total do quadro, sempre tendendo ao abstrato.

E isso demonstra o que procurei afirmar na primeira parte deste artigo, um mal de geração, uma indiferente atitude em face do problema do real e a criação artística, a substituição do conhecimento resultante de uma experiência objetiva, pela simples percepção sensorial acrescida do gosto especioso por certos modelos, também, não totalmente compreendidos.

Como diz Matisse: “Não se estabelece uma ordem em si mesmo, dispensando o que se não tem, porque, desse modo se cria o vazio e o vazio não é ordem, nem pureza”.

Isto significa que o conhecimento plástico é de ordem indutiva: baseia-se na experiência e na observação, e não é recebido como a graça dos espiritualistas, por sutis comunicações astrais.

Dessa qualidade de experiência não há traço na obra de Athos Bulcão.

Sabemos que as suas primeiras manifestações foram de ordem abstrata.

Sabemos, também, que não é possível iniciar-se a construção de um edifício, partindo do último andar.

Eis a desorientação de métodos em que gira uma juventude atribulada com a idéia do sucesso imediato, lançando uma obra que levita em vez de apoiá-la sobre bases naturais, lógicas e necessárias.

A criação mágica não pode ter progresso real. É um fenômeno que ultrapassa as normas do conhecimento humano, todo feito por etapas de complicação crescente.

A arte abstrata que joga com a forma e a cor dentro de um espaço matemático, exige o domínio de elementos superiores aos requeridos pela arte formal. Eis a razão pela qual é impossível a ela atirar-se alguém que não possua a ordem de raciocínio necessária e os meios de bem exprimi-la.

Será sempre um jogo estéril a confecção de um “puzzle” em vez de uma obra de arte realizada por processos de alta inteligência e conhecimento.

Os fundamentos estéticos da arte abstrata são mais do que simples movimentos intuitivos.

Esta é a razão de uma confusão extrema nos domínios da arte moderna.

Com essa formação arbitrária seria realmente impossível ao jovem artista estabelecer um ponto de partida ponderável ao seu desenvolvimento. E se pudéssemos aconselhar seria sempre à contemplação da natureza, às coisas reais, pois no seu estado, o mais simples objeto conterà sempre o segredo da esfinge.

Assim, vem sendo devorado lentamente, quando a chave do mistério é simples, bem banal.

Que há progresso na arte de Athos Bulcão, não há dúvida. Entre a sua primeira exposição e a atual, pode louvar-se de ter obtido uma porcentagem elevada em seu favor.

Porém, é um progresso escolar, ainda desajustado à personalidade de um artista que se apresenta com uma exposição. Quanto aos seus desenhos, recusa naturalmente, os desenhos surrealistas, onde falta essa componente onírica, liberta, estranha e imprevista, onde a ordem poética cede lugar a uma ordem trivial, diríamos a uma arrumação de formas heterogêneas. A outra parte, agrada-me muito com as suas nuances o seu delicado tratamento de traços cruzados, e a criação de uma atmosfera lírica, propícia ao mundo feérico do teatro e da dança.

Aí se justifica o culto da sensibilidade, pois é o reino da música e do ritmo: aí as cores obedecem, não dirigem; são fluídos, ondas de luz e não matéria de uma construção entre o limbo e a vida.

Se tanto me detive a examinar problemas sugeridos e correntes, é porque acredito estar servindo deste modo à sua compreensão e esclarecimento.

Parece demasiado dizer como o meu amigo Q. Campofiorito que o jovem Athos Bulcão tenha atingido "a Arte Sublime" (Diário da Noite, 27 de novembro de 46). Devemos fazer, pois, economia de palavra tão rica, atributo de um Poussin, a Mozart, a Tintoretto, porém, devemos ajudá-lo a encontrar-se. Discutindo assim razões de alto valor, concito, em benefício da compreensão artista, aos artistas e aos críticos, o verdadeiro exame dos problemas nos seus termos mais exatos.